

APRESENTAÇÃO

Literatura negra africana: perspectivas e desafios no século XXI

A produção literária africana escrita teve, e ainda tem, um papel fundamental na construção de uma identidade cultural no continente. Por muitos anos, a Europa e seus proeminentes intelectuais, entre eles Immanuel Kant e Friedrich Hegel, afirmavam que os africanos não inventaram, muito menos esculpiram, pintaram, compuseram ou demonstraram algo de grandioso na arte, na ciência ou em qualquer outra aptidão. Em contraposição a essa visão unanimista de uma África idêntica de Norte a Sul e de Leste a Oeste, intelectuais de diversos países engajaram-se, por meio de suas obras contistas, poéticas, teatrais e romancescas, em produzir uma literatura com o objetivo de denunciar a violência colonial e destacar as riquezas e a diversidade das civilizações negras. É importante destacar que grande parte dessas produções, até o final do século XX, nasceram fora do continente natal.

É possível verificar uma grande mudança na literatura africana desde os anos 1950 até os dias atuais. Nos anos 1960, por exemplo, os poetas, romancistas e dramaturgos muitas vezes escreveram obras barrocas onde o desespero, o desânimo e o cômico se misturavam. Já entre os anos 70 e 80, testemunhou-se o surgimento de um novo gênero literário no continente, composto por romances policiais e literatura infanto-juvenil, bem como o surgimento da escrita feminina, talvez a mais representativa

desse período. O início do século XXI foi marcado pela literatura da “migritude”, um neologismo que combina a negritude e a imigração. Essa nova geração de escritores tem em comum, além da experiência da imigração, uma ligação profunda com seu país de origem, sempre trabalhando em suas obras questões ligadas ao continente africano, porém no contexto da globalização. Tais obras são fruto de estudos em áreas como sociologia, antropologia, história, economia e educação.

Com o objetivo de ampliar e contribuir para as discussões teórico-metodológicas sobre a literatura escrita africana, esta edição dos CADERNOS CERU contou com a colaboração de pesquisadores africanos e brasileiros de diversas áreas. Os artigos aqui reunidos abordam temas na área da política, filosofia e ciências sociais. Alguns dos textos, enviados por colaboradores africanos, foram mantidos no português do país de origem.

Em homenagem ao centésimo aniversário da Prof^a. Maria Isaura Pereira de Queiroz, fundadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos-USP, abrimos o dossiê com a republicação de seu texto **“A literatura como fonte de dados para a Sociologia”**. Neste, Maria Isaura faz uma reflexão sobre a importância da literatura como fonte de dados para cientistas sociais já desde os fins do século XIX. O texto mostra as fases em que esse tipo de estudo esteve mais em voga ou, ao contrário, em decadência, esta em decorrência de quando se passou pela maior valorização dos métodos quantitativos. Entre outros, são destacados os textos de Chevalier, na França, e, no Brasil, as obras de diversos historiadores e sociólogos, como Roger Bastide, Florestan Fernandes, Antônio Cândido, Lourival Gomes Machado e Gilda de Mello e Souza.

No texto a seguir, **“Sangare Okapi, o complexo estivador existencialista”**, o pesquisador moçambicano Dionísio Bahule, docente da Faculdade de Ciências da Linguagem, Comunicação e Artes da

Universidade Pedagógica de Maputo, analisa, numa abordagem filosófica existencialista, o poem “*Inventário de Angústias ou Apoteose do Nada*” de Sangare Okapi, na qual discute alguns dos elementos que descrevem a Literatura Moçambicana do período pós 2000, chamado, pelo autor, de Poetologia Existencial. O texto discute, entre outras questões, a angústia como denúncia da existência e da insatisfação criada pela circunstância que se instala no centro do trágico e na visão dramática da condição humana, como também, nas contradições e carências de Moçambique.

Providence Bampoky, pesquisadora senegalesa e doutoranda em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP, em seu artigo “**A literatura negro-africana de expressão francesa: uma nova forma de resistência ao colonialismo**”, propõe uma reflexão sobre a importância da literatura negro-africana de expressão francesa como ferramenta de resistência, de luta e de libertação das mazelas coloniais. Nesse sentido, a discussão da autora abrange temas como colonialismo, violência e exploração durante o período colonial e pós-colonial, assuntos que perpassam as obras de autores como René Maran, Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor, Ousmane Socé, Ousmane Sembène, entre outros. A presente abordagem faz-se necessária porque a intenção dessa literatura, que nasceu do ímpeto de mudar os estereótipos é de reabilitar a imagem do continente negro, é reescrever sua própria história, que não será interpretada como um mero anexo da história ocidental.

Diferentemente dos dois textos anteriores, que trabalham com romances ficcionais, o artigo “**Uma fênix nascida das “cinzas da maldição”: poesia e história moçambicana em “o grito negro”, de José Craveirinha**”, dos autores José Lucas Góes Benevides, Delton Aparecido Felipe e Sandro Adriano da Silva, analisa o poema “Grito negro”, do escritor moçambicano José Craveirinha, para discutir algumas das relações entre história e literatura. Aqui, procura-se apresentar

a hipótese de que o eu lírico faz uma interpretação do processo de colonização e descolonização de Moçambique após aproximadamente quatro séculos de domínio português, marcado estruturalmente pela escravidão e pelo imperialismo. No poema há uma ressignificação da história do país recém-independente que teria renascido das cinzas, a metáfora alusiva ao fim do domínio imperialista português após cinco anos de guerra pela independência de Moçambique que ocorreu em 25 de julho de 1975. É importante mencionar que a poesia consiste numa das formas literárias mais bem enraizada nas tradições africanas, tendo sido muitas vezes usada por diversos escritores como um instrumento de manifestação política. Além de José Craveirinho, podem-se citar autores como Manuela Margarido, Essop Patel, Tchicaya U Tam'si etc., que se juntaram ao movimento literário africano reivindicando e se opondo ao imperialismo cultural europeu.

Com a perspectiva de refletir sobre a marginalização feminina no contexto moçambicano, o artigo **“Não basta ser mulher para ser justa”: resistência à marginalização de Paulina Chiziane fora do registro ficcional**” do ensaísta, poeta e pesquisador moçambicano Cremildo Bahule, analisa o ideal de resistência da mulher em Moçambique. Além disso, o autor investiga as referências histórico-culturais que recriam a amoldadura da discriminação da mulher e de sua personalidade com base na tradição que funciona como um instrumento de controle social. Nesse sentido, Paulina Chiziane, escritora moçambicana que tem contribuído para o rico processo transformador em curso na história da emancipação feminina em Moçambique ou em África, no geral, constrói uma crítica e transporta tais enigmas sociais inseridos em sua sociedade. A consciência da marginalização da mulher é, ainda, predominante à medida que os pressupostos de engendração nos remetem a um caminho que deve ser seguido cegamente: em consequência, a mulher percebe-se como um

sujeito marginal.

O artigo “**Voltar a si, voltar à viagem: voltar para casa e Americanah**”, de Raquel de Castro dos Santos, aborda a temática da viagem e a da aprendizagem com base nas obras *Voltar para casa*, da norte-americana Toni Morrison, e *Americanah*, da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Com base nessas obras, a autor identifica uma relação entre a viagem e a aprendizagem com as personagens na construção das narrativas. Tais temas, que sempre se fizeram presentes na literatura, perpassam por obras como a *Odeisséia*, de Homero, *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, e *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. A abordagem é de extrema relevância, uma vez que “a viagem e a aprendizagem são questões importantes para o ser humano”, na perspectiva da autora deste artigo, pois “simbolizam mudança, já que requerem deslocamento espacial e psíquico-cognitivo”.

O presente número da revista também conta com dois textos que abordam temas como globalização e educação. O primeiro artigo, “**A Passagem de Todo ao Tudo: Nação e Globalização**”, de Danilo Arnaut, tem como objetivo compor uma reflexão histórico-cultural a respeito das relações entre o nacional e o global enquanto emblemas da sociabilidade em uma situação de globalização. Partindo da ideia de que tais relações podem ser captadas historicamente através da esfera da Política, o argumento desenvolve-se em três etapas fundamentais. Primeiro, há uma abordagem sintética e interessada de certas viradas semânticas através das quais o termo “nação” se ressignificou historicamente, culminando na emergência dos Estados nacionais no século XIX – em especial a partir do *Risorgimento* na Itália. Em seguida, recupera-se parte do longo debate a respeito das relações político-culturais entre memórias e esquecimentos compartilhados, na formação e consolidação de Estados nacionais. Uma terceira etapa é dedicada a mutações nas esferas pública e privada dentro

dessa perspectiva. Com base nisso, por fim, é possível avançar e observar a relevância de transformações da Política no mundo contemporâneo para a inteligência de processos de globalização.

O artigo, “**Inclusão e prática pedagógica: a ação docente junto aos alunos com deficiência**”, de Solange de Freitas Branco Lima e Eucenir Fredini Rocha, discute a inclusão de pessoas com deficiência em escolas de ensino regular, que está, não apenas sob o encargo da legislação vigente, mas também dos gestores da escola e dos professores que irão atender esse grupo no ambiente da sala de aula. Com base nessa perspectiva, os autores argumentam que o texto requer do educador novas práticas que o adaptem às realidades correntes da sociedade, do conhecimento, dos alunos e dos diversos universos culturais. Sendo assim, o objetivo do estudo foi compreender como é realizada a prática pedagógica para efetivar a inclusão desses alunos. As entrevistas foram realizadas com base nos princípios da história oral temática.

Somos gratos pela colaboração de toda a equipe CERU, em especial a das Profas. Dras. Maria Christina Siqueira de Souza Campos, Maria Helena Rocha Antuniassi, assim como de Thaise Satiro de Souza e Lilian Prado Pereira. Finalizando este número dos **Cadernos CERU**, agradecemos os autores dos artigos que compõem este número e homenageamos os mesmos com o poema **Rebento** do artista plástico, poeta e escritor angolano Isidro Sanene.

São Paulo, 30 de julho de 2018

*Issaka Mainassara Bano
Zeila de Brito Fabri Demartini*

Rebento

Minhas veias invocam o sangue da liberdade
Sempre que nasce uma nebulosa.
Desvairam nas novas constelações do saber.
O desenlace do fruto sanguíneo.
Emanando no recanto de minhas órbitas.
Contemplei o deus da ilusão no retrovisor de minhas memórias.

Dentro do meu orbe secreto.
As fartas memórias celebram um novo começo.
Nasceu à célula, nasceu o gênio fruto da irmandade literária.
Todos os rebentos trazem no convento
A madre do vento, dentro da peneira
imbuído pelos andaimes da psique.
Sangue novo veste as memórias, um novo rebento
dorme nas minhas locuções.
É um sonho. Ainda assim!
Somos apenas a vaidade de um futuro que não acorda.

Isidro Sanene, poeta angolano.

Artista plástico, professor, escritor e produtor cultural, mora no Brasil desde 2011.